As posições-sujeito-mulher em “Tieta do Agreste”: uma leitura discursiva sobre as normas de gênero¹

Tayná Maria Sales de Arruda²

Orientadora: Profa. Dra. Fernanda Correa Silveira Galli³

RESUMO: O presente trabalho tem como proposta articular a interface entre os estudos discursivos, de gênero, literatura e ensino. Ancorada sob a Análise de Discurso histórico-materialista, a pesquisa se encarrega de analisar as posições-sujeito-mulher em “Tieta do Agreste”, do autor Jorge Amado, pensando os efeitos de sentido produzidos nas/a partir das posições-sujeito ocupadas pela protagonista na trama. O trabalho com as práticas discursivas desemboca nas práticas docentes, pensando assim, um ensino de língua portuguesa subversivo às normas de gênero. Dessa forma, a pesquisa busca entender como a literatura, em especial a obra analisada, pode contribuir para questionar e subverter as normas de gêneros estabelecidas socialmente. Partindo disso, foram recortadas dezesseis sequências discursivas da obra, as quais trazem à tona três tomadas de posição por parte da personagem, sendo elas: Tieta do Agreste, Madame Antoinette e Antonieta Esteves Cantarelli. A análise se deu a partir de conceitos caros à AD como os de sujeito, formação discursiva, forma-sujeito e posição-sujeito, tendo como embasamento teórico-metodológico os estudos de Pêcheux e Orlandi.

PALAVRAS-CHAVE: Análise de Discurso. Posição-sujeito. Gênero. Mulher. Literatura. Educação.

ABSTRACT: The present work aims to articulate the interface between discourse studies, gender, literature, and education. Anchored in historical-materialist Discourse Analysis, the research focuses on analyzing the positions-subject-woman in “Tieta do Agreste,” by Jorge Amado, considering the effects of meaning produced from the positions-subject occupied by the protagonist in the narrative. The work on discursive practices leads to teaching practices, thus envisioning a subversive Portuguese language education in relation to established gender norms. Therefore, the research seeks to understand how literature, particularly the analyzed work, can serve as a tool to question and subvert socially established gender norms. To this end, sixteen discursive sequences from the work were collected, which bring to light three stances taken by the character: Tieta do Agreste, Madame Antoinette, and Antonieta Esteves Cantarelli. The analysis was conducted based on key concepts from Discourse Analysis, such as subject, discursive formation, subject-form, and subject-position, with theoretical and methodological grounding in the studies of Pêcheux and Orlandi.

KEYWORDS: Discourse Analysis. Subject-position. Gender. Woman. Literature. Education.

---

¹ Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Licenciatura em Letras Português, vinculado ao Departamento de Letras, do Centro de Artes e Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco, com orientação do(a) Prof. Dr. Fernanda Correa Silveira Galli.

² Licencianda em Letras-Português pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

³ Professora do departamento de Letras na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

PONTO DE PARTIDA

O trabalho proposto surge a partir de uma inquietação sobre a formação docente e, sobretudo, a partir da vivência enquanto mulher e professora. Em meio ao constante desafio de (re)pensar a sala de aula, mais especificamente de língua portuguesa, emerge a necessidade de uma abordagem que ultrapasse a superficialidade textual/literária, atravessando questões sociais urgentes, tais como as normas de gênero.

Acerca disso, é possível pensar as posições-sujeito da protagonista Tieta como um exercício de reflexão sobre a relação dos diversos discursos que permeiam as relações sócio-históricas, principalmente de gênero, uma vez que é a partir do lugar social que o sujeito é interpelado em sujeito do discurso. O trabalho em questão se encarrega, portanto, de analisar de onde fala esse sujeito discursivo, a partir dessas diferentes posições-sujeito, e qual a sua relação com os processos sociais que perpassam às questões normativas de gênero, pensando um ensino de língua portuguesa de caráter subversivo.

A sociedade atual demanda uma educação que vai além dos limites da sala de aula, provocando os alunos a compreenderem e questionarem as estruturas sociais que os cercam. Dessa forma, a literatura não deve ser apenas um veículo de apreciação estética, mas também uma ferramenta pedagógica poderosa para promover a reflexão crítica. Ao trazer Tieta do Agreste para a sala de aula, é possível, não apenas explorar o contexto histórico e literário, mas também conectar esses elementos com as questões atuais relacionadas às normas de gênero, compreendendo a literatura enquanto reflexo e refração de uma sociedade, concomitantemente.

Em primeiro lugar, pensar a sala de aula, sobretudo, na perspectiva de um ensino de língua portuguesa plural e crítico, tem sido um grande desafio, principalmente para docentes ainda em processo de formação. Primeiro, porque o sistema educacional brasileiro ainda está centrado no ensino de língua portuguesa tradicional, ou seja, pautado na estrutura da língua, distante do seu caráter social e, conseqüentemente, ideológico; também porque um ensino crítico envolve questionamentos, reflexões e análise do mundo ao seu redor, o que implica também em um deslocamento constante por parte do docente em relação às metodologias que fomentem essa reflexão.

Além disso, o desenvolvimento de habilidades de gestão de sala de aula que leve em consideração a diversidade se esbarra, muitas vezes, na falta de apoio institucional e escassez de recursos pedagógicos, herança de um sistema educacional rígido. O ensino de literatura, então, tem se situado distante de importantes debates sociais, como a luta feminista, por exemplo. A literatura, assim como a sala de aula, ocupa, por si só, um lugar de sujeito protagonista no tocante às práticas sociais afetadas pela história e interpeladas pela ideologia. Isso se dá pelo fato de que “[...] a literatura tem o poder de se metamorfosear em todas as formas discursivas” (Cosson, 2018, p. 17).

Nesse entremeio língua, literatura, sujeito, história e ideologia, esse trabalho se ocupa da discussão acerca da análise da obra *Tieta do Agreste*, do autor Jorge Amado, refletindo acerca dos efeitos de um ensino de língua portuguesa crítico e subversivo às normas de gênero estabelecidas na sociedade. Assim, a pesquisa tem como objetivo analisar as diversas faces de *Tieta*, ou seja, as posições-sujeito que ela ocupa dentro do romance – que também deu lugar às produções cinematográficas e televisivas – tecendo, através da protagonista, reflexões acerca das normas de gênero socialmente estabelecidas, proporcionando um diálogo crítico reflexivo em sala de aula.

A partir da perspectiva teórico-metodológica da Análise do Discurso materialista (AD) – situada a partir dos estudos de Pêcheux, na França, e Orlandi, no Brasil –, é possível levantar questões tais como: Quais os efeitos de sentidos são produzidos, a partir de narrativa de Amado, frente às posições-sujeito *Tieta* enquanto mulher? Como situar essa discussão, enquanto problemática atual, no âmbito da sala de aula, enquanto professor(a) de língua portuguesa? Como a literatura, especialmente o romance *Tieta do Agreste*, pode ser utilizada como “ferramenta” para questionar e subverter as normas de gênero estabelecidas na sociedade? E como as discussões sobre as normas de gênero, a partir de tal obra, podem ser trazidas como debate atual na aula de língua portuguesa?

Para isso, trazemos conceitos caros à AD, como a própria definição de sujeito, formação discursiva (FD), forma-sujeito ou sujeito do saber e, principalmente, posição-sujeito. No que diz ao objetivo geral, analisamos como se dão as posições-sujeito-mulher na obra *Tieta do Agreste* e como isso contribui para uma abordagem subversiva às normas de gênero em sala de aula. A partir disso, buscamos: (i) compreender os efeitos de sentidos produzidos nas/ a partir das posições-sujeito da personagem *Tieta*; (ii) trazer reflexões sobre o ensino de literatura enquanto possibilidade de subversão às normas de

gênero em sala de aula; (iii) propor, à luz da Análise do Discurso materialista, reflexões acerca das normas de gênero, tomando como base a noção de posição-sujeito.

ASPECTOS TEÓRICOS

O campo de estudos da Análise de Discurso (AD) é situado em um fecundo espaço em que emerge através do imbricamento de três principais áreas: linguística, materialismo histórico e psicanálise. Seu início se deu a partir dos estudos de Michel Pêcheux, na França, na década de 60, partindo da relação do dizer e da condição de produção desse dizer, colocando a exterioridade como uma marca fundamental para os estudos discursivos pecheuxtianos. Ainda nos anos 50, embora a AD – já denominada assim – emergisse, mesmo que de forma embrionária, ela ainda era vista como uma simples extensão da linguística, desconsiderando os aspectos sócio-históricos presentes nos processos de significação. No entanto, Brandão (2012) ressalta que

Numa direção diferente, Benveniste, ao afirmar que “o locutor se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor por índices específicos”, dá relevo ao papel do sujeito falante no processo de enunciação e procura mostrar como acontece a inscrição desse sujeito nos enunciados que ele emite” (p. 14).

Ao voltar-se para a posição do locutor, é levantada a relação estabelecida entre locutor, enunciado e mundo – isso remete ao que é possível compreender, nos estudos da AD, sobre a relação sócio-histórica do processo de significação, algo estritamente caro ao campo de estudos discursivos. Em todo caso, ainda que levantada essa nova perspectiva, a AD ainda estava atrelada a um desdobramento da linguística. Contudo, como também afirmado por Orlandi (2020), a linguística designa-se pela afirmativa da opacidade da linguagem. Nos estudos discursivos, por sua vez, compreende-se “[...] a língua não só como uma estrutura mas sobretudo como acontecimento” (Orlandi, 2020, p. 17). A AD, trabalhando na contradição desses diferentes campos de conhecimento, intervém em seus limites e constitui um novo objeto: o discurso. Desta forma, Brandão (2012) afirma que

[...] a linguagem passa a ser um fenômeno que deve ser estudado não só em relação ao seu sistema interno, enquanto formação linguística a exigir de seus usuários uma competência específica, mas também enquanto formação ideológica, que se manifesta através de uma competência socioideológica. (p. 17).

Segundo traz Orlandi (2003), no Brasil, a AD está atrelada à relação com a linguística e a pragmática. Embora a análise de discurso se constitua em um terreno fértil para os estudos envoltos da prática do saber linguístico, em contrapartida, há aqueles que “[...] incompreendendo a relação da análise de discurso com a linguística, pretendem “preservar”, tal qual a linguística” (Orlandi, 2003, p. 81). As contribuições da autora situam-se em um espaço de construção de um objeto novo: o discurso. Esse, focado na tentativa de construir, de fato, um campo específico da análise do discurso marcado em sua própria teoria, método, procedimento analítico. Para Orlandi (2003), no Brasil, nem a linguística nem as ciências sociais podiam responder às questões que se colocavam sem que houvesse um re-traçado de limites e formulações de novas questões. Essa inquietação, partida do rompimento da linguagem enquanto instrumento de comunicação – essa defendida a partir de uma perspectiva da linguística estrutural – nos leva à compreensão do ideológico e do inconsciente enquanto elementos constitutivos da linguagem.

No que diz respeito à temática do presente trabalho, é importante pensar alguns conceitos importantes para nossas reflexões. A noção de sujeito para a análise do discurso, se desloca da concepção trazida à base das ciências humanas e sociais no século XIX: para a AD, sujeito é diferente de indivíduo, uma vez que é afetado pelo real da língua e da história. O sujeito da AD leva em consideração que o discurso não é um elemento de produção individual, em que um indivíduo consciente transmite suas intenções de forma clara e autônoma. Pelo contrário, esse é clivado em consciente e inconsciente e determinado, tanto pela ideologia e pela história, quanto pela posição em que ocupa – essa definida também enquanto posição-sujeito.

A partir da concepção de sujeito, é preciso pensar também a noção de formação discursiva (FD). Essa é definida como “[...] aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito” (Orlandi, 2020, p. 41) A FD dá-se por um conjunto de paráfrases, com a retomada de outros discursos, constituída pela contradição e heterogeneidade, através do já dito. É importante lembrar que essa concepção foucaultiana⁴ foi reformulada por Pêcheux. Para ele, a FD dá-se dentro de uma formação ideológica, ou seja, as posições de classe envoltas por formações ideológicas distintas geram FDs igualmente distintas. “Da mesma maneira, a língua também não é transparente nem o mundo diretamente apreensível quando se

---

⁴ Para Foucault (1969), o sujeito é pensado a partir de uma posição “vazia” e que pode ser ocupada por diferentes indivíduos. “Não é uma forma de subjetividade mas um “lugar” que ocupa para ser sujeito do que diz.” (Orlandi, 2005, p. 49).

trata de significação pois o vivido dos sujeitos é informado, constituído pela estrutura da ideologia.” (Pêcheux, 1975 apud Orlandi, 2020, p. 49).

Ainda sobre a FD, é importante ressaltar que desde as suas formulações iniciais, sua noção é sempre revisitada e questionada. Enquanto que para Foucault, a FD é estabelecida a partir de um conjunto de regularidades, Pêcheux resalta a ideologia enquanto constitutiva do discurso e do sujeito, ou seja, a noção de FD está relacionada à saberes constituídos de enunciados discursivos que se relacionam com a ideologia vigente, estabelecendo, no final das contas, o que pode e deve ser dito.

Cabe destacar que o trabalho em questão se debruça sobre o que Pêcheux denomina enquanto segunda modalidade de tomada de posição⁵. Por isso, pensar a FD é pensar também no movimento de identificação/desidentificação e tomada de posição desse sujeito discursivo, ou seja, é compreender sua relação fronteira com diferentes formas-sujeitos e posições-sujeito, e com elas, as falhas, pois, “[...] a FD é dotada de fronteiras bastante porosas que permitem a entrada de saberes que lhe eram alheios em um determinado momento” (Indursky, 2005, p. 9).

Já a forma-sujeito ou sujeito do saber pode ser entendida como um conjunto de saberes institucionalizados em uma determinada FD. De acordo com Pêcheux (1975), as diversas posições-sujeito que o indivíduo pode assumir em um discurso se dão, sobretudo, através da relação entre o sujeito que enuncia e o sujeito do saber. Com isso, é possível afirmar que “é, então, pela forma-sujeito que o sujeito do discurso se inscreve em uma determinada FD, com a qual ele se identifica e que o constitui enquanto sujeito” (Grigoletto, 2005, p. 1).

Por fim, a posição sujeito é compreendida como a relação de identificação do sujeito enunciador e da forma-sujeito. Como apontado anteriormente, o sujeito do discurso sofre determinações da FD em que ele se inscreve. Contudo, essas determinações não impedem esse sujeito de mover-se em direções diversas. Dessa forma, esses movimentos demonstram discursos marcados pela heterogeneidade, onde atuam diferentes sujeitos discursivos. Esse deslocamento, no processo de identificação, é definido como posição-sujeito. Assim,

O funcionamento da ideologia em geral como interpelação dos indivíduos em sujeitos (e, especificamente, em sujeitos de seu discurso) se realiza através do complexo das formações ideológicas (e, especificamente, através do interdiscurso

---

⁵ Pêcheux publica, na França, um texto intitulado *Les Vérités de la Palice*, que mais tarde seria traduzido no Brasil, intitulado de *Semântica e Discurso*, onde ele introduz as modalidades de tomada de posição que relativiza o processo de reduplicação da identificação. Essas são divididas em primeira, segunda e terceira modalidade, também compreendidas como processos de identificação, contra-identificação e desidentificação.

intricado nesse complexo) e fornece a “cada sujeito” sua “realidade”, enquanto sistema de evidências e de significações percebidas – aceitas – experimentadas (Pêcheux, 2009, p. 149).

Dando continuidade ao pensamento acerca de posição-sujeito, Courtine (2009) concebe o sujeito do enunciado como uma forma vazia que pode ser preenchida por indivíduos até certo ponto indiferentes. Para ele,

descrever uma formulação enquanto enunciado, não consiste em analisar as relações entre o autor e o que ele disse (...) mas em determinar qual a posição que todo indivíduo pode e deve ocupar para ser seu sujeito. Essa função vazia consiste, assim, em uma posição de sujeito (Courtine, 2009, p.87).

Dessa forma, pensar a posição-sujeito-mulher é também pensar nessas formas-sujeito que se inscrevem socialmente. À vista disso, é sabido que a figura da mulher tem sido central em diversos segmentos: pintura, música, literatura, entre outros. No entanto, esses discursos se situam em uma dada FD dominante que, através dessas formas-sujeito, determinam o lugar social do sujeito-mulher. Esses discursos manifestam, através da reafirmação das normas de gênero, uma marca de silenciamento no que tange à pluralidade do ser mulher. “Enquanto a santidade, a virgindade e a pureza estão diretamente relacionadas ao belo, o pecado, o paganismo, a subversão e o prazer mundano estão relacionados ao seu oposto” (Aragão, 2023, p. 70).

Partindo disso, é possível verificar, de certo modo, a materialidade dessas formas-sujeito que se estabelecem acerca do que deve se encarregar a figura da mulher. Em teoria, não há nada que impeça a liberdade política, filosófica, sexual. No entanto, em se tratando de mulher, o efeito que acompanha é sempre o da exclusão, do silenciamento, da negação. Daí a primeira contradição: no universo masculino é afirmada a ideia de que a mulher deve sustentar um estereótipo do que se entende, a partir da ótica masculina, de feminilidade. Ou seja, frágil, sensível, uma boa mãe, dedicada ao lar, mas sobretudo, aos prazeres do homem – esse, desde que seja seu marido, principalmente, diante de Deus e dos homens. Como enfatiza Orlandi, “um ninho de contradições: a mulher tem que ser casta esposa e eficiente messalina. As palavras são carregadas de sentidos: uma deusa é tudo isso e uma fêmea também o é. Mas não se usa indiferentemente deusa e fêmea” (Orlandi, 2023, p. 45). Por isso,

Não há dúvida de que a mulher que tem pensamento livre, cuja existência não está reduzida apenas a ser reprodutora e um dos pilares para a construção do alicerce da família; que se rebela contra o patriarcado; que adquiriu com os anos uma posição de

poder e não tolera ou não sente a necessidade de ser feminina para agradar a sociedade; é considerada de alguma forma subversiva, perturbadora, mal-amada, feia (Aragão, 2023, p. 73).

Pensando nas práticas de resistência, é importante ressaltar que o uso do termo subversão não é mobilizado nesta pesquisa de forma despretensiosa. Pelo contrário, seu uso se dá como um grito, na tentativa de um embate, com o propósito de contrapor-se a algo. O dicionário de Oxford traz 8 significados para o uso do termo subversão: 1. ato ou efeito de derrubar, destruir; ruína, destruição, queda; 2. perversão moral. "assistem passivos à s. dos costumes"; 3. perturbação digestiva; 4. revolta, insubordinação contra a autoridade, as instituições, as leis, as regras aceitas pela maioria. "s. dos valores"; 5. transformação ou destruição da ordem estabelecida; 6. ato ou efeito de transtornar o funcionamento normal ou o considerado bom de (alguma coisa); tumulto, perturbação; 7. conjunto de ações sistemáticas, efetuadas por elementos internos, que visam minar e derrubar um sistema político, econômico ou social; 8. conjunto dos indivíduos que praticam essas ações.

Do nosso ponto de vista, embora a subversão possa significar de diversas formas, tomamos como principal a definição de número 4. É partindo de um ato de protesto, de questionamento, que a pesquisa se debruça sobre as formas com as quais as normas de gênero se manifestam e se perpetuam. É nesse movimento ideológico, nesse processo de não identificação que a mulher procura ocupar outras posições-sujeito. É a partir da militância em diversos espaços que outros sentidos ecoam na sociedade. Ao resistir, a mulher abre espaço para questionamentos na sociedade, levando à reflexão de sentidos já estabilizados.

Assim, é propenso a pensar a imagem do feminino, principalmente no discurso artístico, situando-a sócio-historicamente. Neckel diz que

Ao considerar as imagens dos corpos femininos nos funcionamentos do Discurso Artístico [...] é incontornável pensarmos na relação, sempre tensa, de dominação e resistência e, por extensão, nas políticas de silenciamento-censura (Neckel, 2023, p. 17).

Como para AD, o sujeito discursivo é a projeção situada no discurso, nessa interpelação do sujeito feminino,

a posição sujeito-mulher é constituída por um discurso patriarcal, machista, que coloca a mulher em um lugar de submissão, de sexo frágil, de objeto. Em um discurso da militância feminina, a mulher não se identifica com esse discurso que a domina e busca fundar um outro dizer que é um dizer no qual a mulher tem voz, tem poder, não é submissa e nem objeto do homem e da sociedade que tentam colocá-la

em um único lugar: dentro de casa e não no espaço da rua, no espaço urbano – “princesinha dona de casa” e não engenheira (Garcia; Sousa, 2014, p. 2).

Tendo em vista as questões de gêneros até aqui estabelecidas, ao situar o campo de luta, é legítimo falar de corpo – não de forma simplória e resumida como aquilo que torna o ser humano tangível, mas especialmente como algo vivo que pulsa, que é formado de desejo, de talhos, fendas, que se inscreve no mundo. Acerca disso, Ferreira e Costa (2023) trabalham com o corpo-imagem associado à arte e ao gênero, trazendo a noção de *imagem cultural do corpo*. “O termo imagem é um operador importante que remete à imagem do corpo que o sujeito faz de si e à imagem que é construída pelo olhar do outro e que impactam o modo como esse sujeito se vê” (Ferreira; Costa, 2023, p.211). Pensando o indivíduo mulher, a imagem em questão é construída com as inscrições de padrões culturais, por sua vez, sustentados por uma visão patriarcal que estabelece os códigos a serem seguidos e reproduzidos.

Deslocando-se para diferentes campos do saber, é pertinente estabelecer a discussão sobre os efeitos, tanto do trabalho com as questões normativas de gênero como do texto literário, em diversos âmbitos sociais, em particular, na sala de aula. Para isso, é necessário compreender que, no caso do segundo, a literatura é, sobretudo, prática social, assim como a teoria também o é. Tomando como base o trabalho com a literatura e a análise do discurso materialista, é importante ressaltar que esse não se faz por uma perspectiva disciplinar, tampouco como apropriação de conceitos, mas em uma relação de deslocamento de possibilidades de compreensão e problematização.

Na obra amadiana, a personagem Tieta é abordada como uma heroína fora dos padrões. Esse título se dá não apenas pelos feitos da personagem na trama, mas sobretudo, pela sua própria construção enquanto mulher. Tieta é apresentada em suas diversas faces – faces essas que dão lugar à essas diversas posições-sujeito que divergem das FDs dominantes naquele universo ficcional, e que, por sinal, também não se distanciam da sociedade atual, essas materializadas a partir de outros personagens, no romance⁶.

As identidades culturais que permeiam as questões de gênero são, antes de tudo, construções sociais que circulam no imaginário social e caracterizam diversos grupos. As características atribuídas e socialmente aceitas acerca da mulher estão ligadas a um vasto conjunto simbólico acerca das posições-sujeito-mulher. Pensando nisso, a necessidade de um

---

⁶ A exemplo disso, a personagem Perpétua, irmã de Tieta, representa o discurso religioso, assim como o seu pai, Zé Esteves, representa o discurso patriarcal, entre outros.

ensino de língua portuguesa crítico reflexivo urge dessas demandas sociais, como às normas de gênero socialmente estabelecidas; e a literatura, como apontado anteriormente, ultrapassa a pura apreciação estética e torna-se uma poderosa ferramenta, uma vez que:

A literatura, como produção humana, está intrinsecamente ligada à vida social. O entendimento do que seja o produto literário está sujeito a modificações históricas, portanto, não pode ser apreensível somente em sua constituição, mas em suas relações dialógicas com outros textos e sua articulação com outros campos: o contexto de produção, a crítica literária, a linguagem, a cultura, a história, a economia, entre outros. (DCE, 2008, p. 57).

Como afirma Antônio Cândido (1977, p. 243): “A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas”. Nesse sentido, é lícito dizer que a literatura desempenha um papel substancial na formação histórica ao passo que também é fruto desse sistema. Ainda de acordo com Candido (2020), será levada em consideração a relação entre autor-obra-leitor, denominado por ele como “tríade indissolúvel”.

Por fim, a partir do quadro teórico mencionado acima, podemos compreender, à luz da análise do discurso, as relações sócio-históricas e ideológicas que permeiam as normas de gênero, entendendo o papel da literatura enquanto instrumento de subversão à essas normas, visando um ensino de língua portuguesa crítico e reflexivo.

Nesse sentido, o sistema patriarcal imprime padrões de dominação em vários aspectos da vida da mulher, como no âmbito profissional, familiar, acadêmico, entre outros. No ambiente escolar não é diferente. O mito da neutralidade ideológica⁷, associada à figura do professor, tem distanciado cada vez mais a sala de aula de um ensino contextualizado às práticas sociais como as relações de gênero. Por isso, urge a necessidade de pensar o exercício pedagógico crítico e reflexivo, a fim de contribuir com a quebra desses padrões sociais que reafirmam as práticas supervalorizadas do patriarcado em detrimento da mulher.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

No que concerne à metodologia, a pesquisa caracteriza-se como de cunho qualitativo, interpretativista. Levando em consideração que o objeto do discurso surge a partir de um primeiro olhar do analista, convertendo a superfície linguística em um dado analítico, é a

---

⁷ Aqui relembramos o projeto de lei *Escola Sem Partido*, que tinha como objetivo regulamentar dizeres de professores no exercício da docência, sob a justificativa de evitar uma possível doutrinação ideológica e política.

partir desse momento que podemos analisar a discursividade propriamente dita. “A análise, aliás, visa justamente deslocar o sujeito face a esses efeitos.” (Orlandi, 2020, p. 64).

Em AD, o método de análise não consiste em um processo linear, uma vez que o discurso não é finito e completo. Porém, não é válido dizer que ele se dá de forma rasa, pelo contrário, este realiza-se de forma profunda, possibilitada pelo movimento de ida e vinda, como é possível observar a partir do conceito de posição-sujeito; assim, ao analisar o objeto, também volta-se novamente para a teoria. Com isso, o procedimento analítico da AD se dá em um movimento de descrição e interpretação. Partindo dessa perspectiva, ao explorar conceitos tais como: sujeito, posição-sujeito, formação discursiva, forma-sujeito, esse trabalho se encarrega de pensar o discurso como estrutura e acontecimento, bem como a língua e as relações sócio-históricas e ideológicas que atravessam a literatura e o sujeito.

Num primeiro momento, realizamos um levantamento bibliográfico visando o ensino de língua portuguesa subversiva às normas de gênero estabelecidas. Esse foi o primeiro passo para pensar a sala de aula como um espaço de quebra e (res)significação de sentidos firmados. A literatura, por sua vez, entra como uma proposta de transformação e afirmação de identidade. Em seguida, realizamos uma análise da obra *Tieta do Agreste*, de Jorge Amado, sobretudo no que se refere às posições-sujeito-mulher ocupadas pela personagem e quais as relações dessas posições através das diversas faces de Tieta, com o intuito explorar as posições-sujeito inscritas nas FDs em que a personagem se inscreve.

Para isso, buscamos considerações acerca da *Tieta do Agreste*, a menina/mulher com forte apelo sexual, que é expulsa pelo pai e humilhada frente a toda a cidade; Madame Antoinette, dona do prostíbulo Refúgio dos Lordes, mulher firme, exigente, mas doce e generosa; Antonieta Esteves Cantarelli, esposa dedicada, rica e agora viúva; novamente a *Tieta* menina, mas dessa vez, também heroína. Todas essas faces apresentadas no romance evidenciam, na protagonista, a tentativa de negociar com o próprio sistema a sua identidade, levando à reflexões sociais urgentes como a necessidade de se pensar o ensino subversivo às normas de gênero, sobretudo em um espaço de transformação social – nesse caso, a escola.

A partir disso, no decorrer da leitura da obra, levantamos os recortes de acordo com o que a narrativa traz a partir de cada face⁸ apresentada sobre a personagem. Com isso, recortamos 17 sequências discursivas (SD)⁹ que dão conta de evidenciar as tomadas de

---

⁸ Aqui compreende-se enquanto face as posições-sujeito-mulher ocupadas pela personagem, uma vez que elas se apresentam de forma evidente na obra, sendo também descritas e nomeadas de diferentes formas, remetendo a novos personagens, levando com esses deslocamentos a ideia de que *Tieta do Agreste* não é apenas uma, mas diversas mulheres em uma só.

⁹ Uma sequência discursiva refere-se a um conjunto de enunciados ou fragmentos do discurso que se relacionam entre si e são construídos em uma determinada condição de produção. “As sequências discursivas (narração,

posições-sujeito-mulher por parte da protagonista, pensando a FD em que cada uma está inscrita. Para isso, pensamos os critérios de identidade, representação do feminino – nesse caso, do que se espera do feminino – e de relações de poder. Dessa forma, trabalhamos com 6 SDs para as duas primeiras posições-sujeito, *Tieta do Agreste*; 5 SDs para a segunda, *Madame Antoinette*; e 6 SDs para a terceira, *Antonieta Esteves Cantarelli*.

AS POSIÇÕES-SUJEITO-MULHER EM *TIETA*

A análise tem como corpus o livro “*Tieta do Agreste*”, uma obra de autoria do escritor Jorge Amado, publicada em 1977, que traz consigo marcas de atemporalidade, uma vez que na literatura amadiana, a sociedade se reconhece em sua voz. Assim, é possível perceber facilmente o caráter social e de problematização que Amado traz consigo em suas obras.

O livro retrata a história de *Tieta*, uma jovem, pastora de cabras, menina/mulher com um enorme apelo sexual, desapegada das convenções sociais que a cercavam, dando lugar à liberdade, completude e poder de suas vontades. Entretanto, em um episódio de exercício dessa liberdade, é humilhada e expulsa pelo pai, o *Zé Esteves*, tendo toda a cidade de Sant’Anna do Agreste como plateia. A partir da sua expulsão, *Tieta* passa a se prostituir nas cidades vizinhas até que chega em São Paulo, onde sua carreira de prostituta toma proporções ainda maiores. Já em São Paulo, *Tieta* torna-se dona de um prostíbulo de luxo frequentado pela alta sociedade paulistana. Passado cerca de vinte e seis anos, desde a sua expulsão, decide retornar a sua cidade natal, onde não punha os pés desde então. É a partir do seu retorno à Sant’Anna do Agreste que são narrados os entrecruzamentos de várias histórias vividas pela personagem, o que possibilita ao leitor conhecê-la mais a fundo.

Tieta, embora uma única personagem, representa no decorrer da história facetas diversas, com diferentes tomadas de posição, deixando vir à tona, inclusive a ideia de fragmentação, uma vez que esses deslocamentos evidenciam traços e comportamentos diferentes. São essas várias faces que trazem no enredo de Amado o espaço para provocações que permeiam diversas questões sociais atuais. É ancorada nessas faces de *Tieta* que nossa análise se inclina na investigação das posições-sujeito-mulher, tecendo diálogos possíveis para o ensino de língua portuguesa crítico e reflexivo, capaz de confrontar normas de gênero socialmente cristalizadas.

---

descrição, argumentação) compõem os mais variados gêneros (notícia, crônica, cartas, memorandos etc.), perpassando-os e organizando o discurso, o que pode inclusive caracterizar o próprio gênero” (FREITAG, REIS, BACK, ROST-SNICHELOTTO, MAGO, 2009).

A partir da obra citada é introduzida, ao lançar um olhar linguístico-discursivo, é possível afirmar que a personagem ocupa o espaço do sujeito empírico Tieta. Essa é, então, interpelada em sujeito discursivo, tornando-se sujeito-mulher pela FD da sociedade patriarcal, tendo os seus dizeres determinados por ela, através da forma-sujeito. No entanto, há na personagem deslocamentos nos processos de identificação, o que acaba por permitir o deslocamento de sentidos e identificação do sujeito que enuncia e da forma-sujeito, o que o faz ocupar outras posições-sujeito. É a partir dessas diferentes posições-sujeitos tomadas pela protagonista que são tecidas considerações acerca da subversão às normas de gênero nas aulas de língua portuguesa.

Para melhor organização, a partir das sequências discursivas (SD), as posições-sujeito-mulher ocupadas pela protagonista são denominadas como: Posição-Sujeito 1 (PS1) como Tieta do Agreste; Posição-Sujeito 2 (PS2) como Madame Antoinette; e por fim, Posição-Sujeito 3 (PS3) como Antonieta Esteves Cantarelli. As escolhas dessas três posições-sujeito e não outras se dão, sobretudo, pelo imaginário do sujeito mulher, ou seja, o pré construído daquilo que se espera da mulher. Embora as três posições-sujeito evidenciem um caráter combativo em relação à FD dominante, cada uma delas dispõe de recursos e movimentações diferentes a partir do espaço que ocupam socialmente – essas posições em questão dizem respeito às posições discursivas que diferem das posições empíricas. A Tieta do Agreste é apresentada como menina, mas foge aquilo que se espera de uma mulher da sua faixa etária, em posição de obediência; Madame Antoinette, por sua vez, tem um caráter mais sério, próximo de uma figura de autoridade, de poder; já Antonieta Esteves Cantarelli, assume uma posição de prestígio social, de poder, funciona não pela autoridade, mas pelo prestígio imposto pela sociedade.

As sequências discursivas (SD) apresentadas demonstram, assim, o caráter subversivo de Tieta frente às convenções sociais nas três posições-sujeito-mulher trazidas ao longo da análise.

A PS1 é a primeira posição-sujeito assumida por Tieta na trama. Nela, a narrativa mostra Tieta do Agreste, uma menina de caráter sensual e libertina, dotada de uma personalidade forte e atitudes conflitantes. Vejamos as SDs abaixo:

SD1 – Moça formosa e atrevida, enfrentando a ira do pai e a denúncia da irmã: tu tem é inveja porque nenhum homem repara em ti, tribufu; atrevida desde menina, pastora de cabras nos oiteros da terra sáfara de Zé Esteves; a saltar, adolescente, a janela noturna para encontrar-se com homens [...] audaciosa, desleixada dos preceitos de Deus, igreja só pra

namorar; a rir tão cínica e bela, na boléia do caminhão, rumo da Bahia [...] (Amado, 2009, p. 42-43).

SD2 – A cabrita dispara, Inácio não se dá ao trabalho de correr, pára e espera; a menina aprende. Duas ou três escapadas mais e ele monta a indócil quando assim decide, dono, pai do rebanho. (Amado, 2009, p. 90)

SD3 – [...] – Assim eu aprendi. Vi mais que isso, nos meus começos. Mais. Não só assisti ao bode Inácio montar as cabras. Acontece-lhe ver, escondida nos oiteiros, moleques se pondo nelas. Osnar e seu bando de perdidos. Homens feitos também. O próprio pai, imaginando-a ausente (Amado, 2009, p. 90).

SD4 – [...] Punha-se nas cabras quando julgava o pasto vazio. Existiam cabras viciadas. – Eu era cabrita, igual a elas. A primeira vez não teve diferença. – Depois? – Fui cabra viciada, não havia homem que me desse abasto (Amado, 2009, p. 90).

SD5 – Fui gulosa, gulosa de homens, quanto mais melhor. Pai tinha muitas cabras, bode inteiro só um, Inácio. Eu era a cabra com vários bodes, montada por esse ou por aquele, no chão de pedras, em cima do mato, na beira do rio, na areia da praia (Amado, 2009, p. 128).

SD6 – Com ele virei mulher. Mas penso que até hoje há em mim uma cabra solta que ninguém domina (Amado, 2009, p. 129).

As SDs acima deixam emergir uma Tieta que impugna tudo que é socialmente esperado, desde a ordem de comportamento às questões sexuais. Sem muitos rodeios, a obra explicita o caráter transgressor frente ao que se espera da figura feminina. A partir de uma análise discursiva da posição-sujeito-mulher tomada pela personagem, é evidente que essa, inserida na FD patriarcal, rompe com os preceitos das formas-sujeito que a inscrevem socialmente, identificando-se com outras posições, acessando outros sentidos, marcados pela heterogeneidade a partir de diferentes ordens do saber.

A cabra, frequentemente associada à fertilidade e à sexualidade, reflete a vivacidade e a liberdade de Tieta em relação ao seu próprio corpo e desejos. A maneira como a personagem se relaciona com o animal pode ser interpretada como uma afirmação de sua sexualidade, desafiando a moral conservadora que a cerca. Aqui, definir-se enquanto cabra também se configura como movimento de confronto como aquela que não pode ser dominada ou conduzida. Pelo contrário, o ponto em comum com as cabras do pasto do pai era, como traz a SD4 o vício pelo sexo, a liberdade, de resto, era dona de si.

O embate de Tieta, a partir dessa posição-sujeito-mulher, toma como discussão central a sua liberdade, principalmente a sexual. Mesmo menina, de certa forma ainda ingênua, se

apropriada de signos que lhe são familiares, como a cabra, o bode e a relação entre os dois para evidenciar o caráter subversivo às normas de gênero.

A PS2, segunda posição-sujeito, é assumida por Tieta na personagem de Madame Antoinette, dona do prostíbulo Refúgio dos Lordes. Dessa vez, não mais menina, mas uma mulher firme e generosa. Vejamos as SDs abaixo:

SD7 – Madame Antoinette, que apreciava a descrição e a gentileza de Leonora, convidou-a a ocupar a vaga (Amado, 2009, p. 191).

SD8 – Felipe sabia viver e me ensinou. Eu era cabrita andeja, com ele virei madame (Amado, 2009, p. 192).

SD9 – Francesa nascida nas Antilhas do casamento de um General de La Republique com uma mestiça. Educada em Paris, desperdiçando charme, mestre no ofício de escolher mulheres, especiarias para o gosto caro dos fregueses, os mais ricos de São Paulo, Dieu Merci. Para duas ou três raparigas, que como Leonora, habitam permanentemente no Refúgio dos Lordes, é Mãezinha, exigente e generosa, temida e amada (Amado, 2009, p. 195)

SD10 – [...] Antes foi Tieta, a pastora de cabras, a soltar o berro de desejo nos cômodos de Mangue Seco. Agora é Madame Antoinette, patroa de raparigas, cafetina a serviço de milionários (Amado, 2009, p. 353)

SD11 – [...]

– Nossa cara Madame Antoinette, não volta mais?

– Ainda está na França. Quando ia embarcar, o pai morreu, o general. Do coração, coitado.

– General? – o de cabelo buscarré, olhos de viés nas moças, supera o embaraço, demonstra repentino interesse.

– Madame Antoinette é filha de um general francês com uma nativa da Martinica...[...] (Amado, 2009, p. 608)

As SDs de 7 a 11 evidenciam o deslocamento da posição-sujeito-mulher da personagem. Nesse momento, Tieta é deslocada da posição de menina para a de mulher, mas não qualquer mulher, a Madame Antoinette. Esse deslocamento leva a personagem a um outro lugar social ocupado e, com ele, uma outra posição-sujeito. As mentiras sobre sua origem e condições sociais reforçam a necessidade de sustentar a posição que, em via de regra, é ocupada por homens, como a de líder, patrão, pastor, entre outras. Os efeitos de sentidos ressoados a partir do espaço de poder ocupados evidencia uma tomada de posição subversiva por parte da personagem. Como Madame Antoinette, Tieta não é apenas uma mulher; ela ocupa uma posição de poder e controle, desafiando a narrativa que normalmente coloca as

mulheres em papéis subservientes. Essa mudança de posição permite que ela atue como agente de sua própria vida.

O deslocamento de Tieta permite que ela reconfigure sua relação com o poder, passando de uma posição vulnerável para uma posição de influência. Como Madame Antoinette, ela pode desafiar as normas sociais, criando um novo espaço para a expressão feminina. A transformação também pode ser vista como uma subversão diante do olhar masculino. Tieta, ao se colocar na posição de Madame Antoinette, não é apenas um objeto de desejo, mas um sujeito que exerce controle sobre sua própria narrativa.

Por fim, na PS3, a terceira posição-sujeito ocupada por Tieta na narrativa, temos a Antonieta Esteves Cantarelli, esposa de Felipe, dona de boutique de luxo e viúva.

SD12 – De outra feita, desculpando-se, atribuiu a demora do envio do cheque à enfermidade do comendador a cuja cabeceira a dedicada esposa dera tempo integral (Amado, 2009, p. 59).

SD13 – [...]

– “O comendador Felipe de Almeida Couto” – lê pausadamente Perpétua – “e sua esposa, Antonieta, convidam os inúmeros amigos e admiradores do casal para a missa em ação de graças, comemorativa dos seus quinze anos de casamento, que será celebrada na igreja da Sé pelo mesmo reverendo, Padre Eugênio Melo, que celebrou o matrimônio [...]” (Amado, 2009, p. 77).

SD14 – [...] comendador Felipe Cantarelli, meu inesquecível esposo, quase um pai, cujo passamento me deixa viúva inconsolável (Amado, 2009, p. 85)

SD15 – Ela vai chegar de luto fechado, a gente tem de estar de acordo (Amado, 2009, p. 99)

SD16 – Deslumbrante. Alta, fornida de carnes, a longa cabeleira loira sobrando do turbante vermelho. Vermelho, sim, vermelho igual a blusa esporte, de malha, simples e elegante, marcando a firmeza dos seios volumosos dos quais se vê apreciável amostra através da gola de botões abertos. A calça Lee azul colada as coxas e a bunda, valorizando volumes e reentrâncias, - que volumes! [...] (Amado, 2009, p. 101)

SD17 – Nem por ser riquíssima viúva de comendador do papa e frequentar a alta sociedade do sul, possuindo as melhores relações [...] nem por tudo isso carrega o rei na barriga (Amado, 2009, p. 227).

As SDs de 12 a 17 expõe, mais uma vez, o deslocamento da posição-sujeito-mulher Tieta. Dessa vez, a personagem se aproxima do padrão esperado a partir da figura da mulher, indo de encontro aos preceitos da FD dominante. No entanto, ainda assim, Tieta evidencia

comportamentos que quebram com o imaginário, ou seja, o pré construído daquilo que se espera de uma mulher casada e/ou viúva.

As SDs 15 e 16 evidenciam exatamente esse imaginário e o confronto como esse pré construído acerca da personagem. Ainda que fosse a Senhora Cantarelli, viúva do comendador, Tieta não apresenta um padrão esperado por uma viúva, desde as vestimentas às atitudes. A presença do vermelho, cor marcante na personagem contrapondo o negro do luto, da escuridão, da tristeza, também remete ao poder, à sexualidade sempre presente na personagem, mas não apenas a cor. Na SD16, é possível perceber a evidência do seu corpo através da sua vestimenta, como peças de malha, marcando os seios, as coxas e a bunda.

Embora essa seja a posição-sujeito-mulher que mais se aproxima daquilo que a sociedade estabelece como padrão a ser seguido, Tieta subverte e rompe com o imaginário acerca da figura do sujeito mulher, ocasionando estranhamentos que levantam reflexões sobre como a construção da identidade feminina é moldada por normas sociais.

Nas dezessete SDs apresentadas ao longo da análise é perceptível como se materializam as posições-sujeito-mulher na obra. O deslocamento das posições-sujeito, atuando em diferentes ordens de saber vão de encontro a uma ideia central: a subversão às normas de gênero. Independentemente de como Tieta se apresente ao longo da narrativa, nas diferentes posições-sujeito, a ideia da liberdade do próprio corpo e da sustentação de suas ações estão presentes.

Ainda a partir das posições discursivas ocupadas pela protagonista, é possível perceber no seu entorno discursos outros como os discursos machista, religioso, econômico, que contrastam com a protagonistas e seus feitos na trama. Sobre isso, é importante ressaltar que Jorge Amado faz das suas obras campos de embates ideológicos, colocando, através dos seus personagens à crítica ao sistema como um todo. A exemplo disso, temos a Perpétua, irmã de Tieta, como representação do discurso religioso, pautando suas ações como justificativas de resguardo da moral e dos bons costumes ao passo que age contra; Zé Esteves, por sua vez, pai de Tieta, é a personificação do patriarcado: homem que se coloca no âmago do seio familiar, mas que, na prática, depende financeiramente do dinheiro da família a qual humilhou e expulsou; Astênio surge como a representação do falso progresso¹⁰.

---

¹⁰ Jorge Amado, além de escritor e jornalista, era envolvido com a política comunista. Em 1945 foi deputado federal pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB) com um mandato que durou de 1946 a 1947, quando o PCB torna-se um partido ilegal no país.

AULA DE LÍNGUA DE PORTUGUESA: SUBVERSÃO ÀS NORMAS DE GÊNERO

A partir da análise das posições-sujeito-mulher em *Tieta do Agreste* foi possível compreender que se a posição-sujeito se estabelece enquanto relação de identificação do sujeito que enuncia e o sujeito do saber e que esse sujeito é afetado pelo real da língua e da história. As posições-sujeito-mulher representam, por conseguinte, a tentativa de romper com um sistema que teima em reger o *modus operandi* que define as práticas socialmente aceitas. Assim, esse trabalho não se resume a uma reflexão teórica sobre discursos e sentidos, mas como ponto de tensão entre as práticas discursivas, de gênero, literárias e docentes, compreendendo a língua portuguesa¹¹ como um campo diverso e plural, lugar de inquietação, de embates, arenas de disputas ideológicas. Por isso, a importância de romper com os paradigmas se dá no campo da troca, no movimento, nas práticas discursivas.

Ao analisar os efeitos de sentidos produzidos nas/ a partir das posições-sujeito da personagem *Tieta* evidenciamos que a literatura não apenas reflete as tensões sociais, mas também as transforma. A obra nos convida a reimaginar as possibilidades de representação e, conseqüentemente, a desafiar as normas que limitam a expressão feminina. O papel da mulher na literatura e na sociedade não é fixo; é um espaço de constante reconstrução e reinvenção. Diante disso, é imprescindível que a educação em língua portuguesa não se restrinja a uma mera transmissão de conteúdos, mas que se torne um espaço de diálogo e crítica. As práticas pedagógicas devem fomentar a reflexão sobre como a linguagem “molda” a percepção de gênero e como essa percepção tem efeitos na construção das identidades. Essa abordagem propõe um olhar atento às narrativas que emergem das experiências de vida das mulheres, ampliando a voz de quem, por muito tempo, foi silenciada.

O trabalho com a literatura vem para subverter, para barrar, para interditar, para (re)pensar práticas já cristalizadas no âmbito escolar. Por isso, compreender a língua portuguesa como terreno de disputas é compreender as urgências que perpassam as questões de gênero, é compreender o lugar da mulher na sociedade qualquer que seja a posição em que ela se inscreve.

A educação em língua portuguesa desempenha um papel crucial na formação de identidades e na construção de significados em nossa sociedade. Em um contexto onde as normas de gênero frequentemente impõem limites à expressão individual, uma abordagem pedagógica que subverta essas convenções é essencial. Ao integrar textos literários que

---

¹¹ Aqui entende-se os estudos linguísticos e literários em conjunto.

abordam a temática de gênero é possível estimular discussões sobre empoderamento, liberdade e identidade. A análise dos discursos que permeiam as relações de poder, através dos personagens, abre espaço para que os alunos questionem as estruturas sociais vigentes e reflitam sobre suas próprias vivências. A literatura, como um campo privilegiado de expressão e reflexão, oferece uma rica oportunidade para explorar as complexidades de gênero e identidade. Ao incluir obras de autores diversos, que tratam das experiências de gênero de maneira crítica e sensível, é possível ampliar o horizonte dos alunos, proporcionando uma compreensão mais profunda das múltiplas facetas da identidade humana. Textos literários que desafiam estereótipos de gênero e revelam as nuances das relações sociais incentivam os alunos a se reconhecerem nas narrativas e a se identificarem com personagens que, muitas vezes, desafiam as normas estabelecidas. Autores como Jorge Amado, que em suas obras explora a condição feminina e a busca pela autonomia, questionam as convenções sociais estabelecidas através da ótica masculina, tornando-se fundamentais nesse processo de desconstrução. Através da leitura crítica de uma obra literária, os estudantes têm a oportunidade de desenvolver habilidades interpretativas que vão além da superficialidade textual do texto. Ao discutir as motivações dos personagens, as estruturas narrativas e os contextos sociais em que as histórias se desenrolam, os alunos aprendem a identificar e a questionar os discursos hegemônicos que moldam as normas de gênero. Isso promove um ambiente de aprendizagem que valoriza a empatia e a escuta ativa, essenciais para a construção de um espaço escolar mais inclusivo. Assim, ao integrar a literatura às aulas de língua portuguesa vinculada à debates sociais importantes, não apenas aumentamos as possibilidades de enriquecimento de repertório cultural dos alunos, mas também os empoderamos para se tornarem agentes de mudança. *Tieta do Agreste* se apresenta como um campo fértil para os estudos em língua portuguesa, trabalhando a literatura como instrumento pedagógico que promove reflexão sobre identidade, liberdade e as diversas formas de ser e estar no mundo. A análise das posições-sujeito-mulher levanta questões de gênero pertinentes para os estudos discursivos, desbravando as questões sociais e ideológicas, ultrapassando a língua como sistema e a literatura como pura apreciação estética. Por fim, é vital reconhecer que a subversão não é um fim, mas um contínuo processo de desconstrução e reconstrução de saberes. Assim, ao abordarmos as intersecções entre discurso, literatura, gênero e ensino, buscamos contribuir para o fortalecimento de uma educação que valoriza a diversidade e a pluralidade. A língua é subversiva. A literatura é subversiva. A sala de aula é subversiva. A mulher é subversiva por natureza. Essa pesquisa é, portanto, singularmente subversiva.

REFERÊNCIAS

- ALVAREZ, Palmira Heine. Toda menina baiana tem um jeito? Corpo, memória e discurso sobre a mulher baiana em postagens na internet. *In*: ABBADE, C.; CARVALHO, C.; SANTOS, E. (orgs.). **Linguagem, discurso e sociedade: caminhos que se entrecruzam**. Salvador: Edufba, 2020. p. 31-46.
- AMADO, Jorge. **Tieta do Agreste**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária**. 8ª ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000.
- CÂNDIDO, Antônio. **Vários escritos**. 2ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1977.
- COURTINE, Jean-Jacques. O conceito de formação discursiva. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos: Edufscar, 2009.
- BRANDÃO, Helena Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 7. ed. São Paulo: Editora da Unicamp, 2012.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.
- FERREIRA, Maria; COSTA, Isaac. Corpos e(m) luta: por quem?. *In*: MITTMANN, Solange; CAMPOS, Luciene. (orgs.). **Gêneros e corpos em debate: estudos discursivos**. 1a ed. Porto Alegre: zouk, 2023. p. 211-228.
- GARCIA, Dantielli; SOUSA, Lucília. **A marcha das vadias e a posição-sujeito-mulher: uma resistência constitutiva**. *In*: XVII Congresso internacional asociación de lingüística y filología de américa latina, João Pessoa, 2014.
- GRIGOLETTO, Evandra. **A Noção de Sujeito em Pêcheux: uma Reflexão acerca do Movimento de Desidentificação**. Vitória da Conquista: Estudos da lingua(gem), 2005. n.1. p. 61-67. Disponível em: [<o de Sujeito em Pecheux uma Reflexao acerca do Movimento de Desidentificao La Notion du Sujet>](#). Acesso em: 20, fev, 2024.
- GRIGOLETTO, Evandra. **Do lugar social ao lugar discursivo: o imbricamento de diferentes posições-sujeito**. *In*: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO-SEAD, 2, p. 1-11, 2005. Porto Alegre. Anais eletrônicos [...] Porto Alegre: UFRGS, 2005. Disponível em: http://anaisdosead.com.br/sead2_simposios.html>. Acesso em: 26 set. 2024.
- INDURSKY, Freda. **Formação discursiva: ela ainda merece que lutemos por ela?** *In*: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO-SEAD, 2, p. 1-11, 2005. Porto Alegre. Anais eletrônicos [...] Porto Alegre: UFRGS, 2005. Disponível em: http://anaisdosead.com.br/sead2_simposios.html>. Acesso em: 25 set. 2024.
- MITTMANN, S; CAMPOS, J. (orgs.) **Gênero e corpos em debate nas artes: estudos discursivos**. Porto Alegre: zouk, 2023.

ORLANDI, Eni. P. **A linguagem e o seu funcionamento: as formas do discurso**. 7. ed. Campinas: Pontes, 2023.

ORLANDI, Eni. P. **Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos**. 13ª. ed. Campinas: Pontes, 2020.

ORLANDI, Eni. P. **A Análise de Discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil. I SEAD**. s.l, 2003.

ORLANDI, Eni. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis: Vozes, 1996.

PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso. *In*: GADET, F.; HAK, T. (orgs.). **Por uma análise automática do discurso: Uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 4a ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

PÊCHEUX, Michel. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Traduzido por E. P. Orlandi. 3.ed. Campinas: Unicamp, 1997.

SEED, **Diretrizes Curriculares da Educação Básica – Língua Portuguesa: Paraná, SEED-PR, 2008.**